

## ***BRIZOLA GOVERNADOR***

---

**CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO\***

*Professor universitário e  
Membro do Conselho Estadual de Cultura*

Enganam-se os que pensam na eleição do engenheiro Leonel Brizola como manifestação revanchista do colégio eleitoral. Não há nada disso.

A campanha política no Estado do Rio de Janeiro revelou, tal qual aconteceu em São Paulo e em Minas Gerais, o desejo do povo de votar na oposição. Naqueles Estados o PMDB conseguiu interpretar com maior nitidez o sentimento oposicionista. Aqui quem assumiu o papel foi o ex-governador do Rio Grande do Sul.

O PMDB fluminense viveu as suas angústias a partir da incorporação do PP. Ninguém de boa fé pode deixar de ver no fato incorporador uma lúcida manifestação de robustecer a oposição em um Estado crítico na formação de opinião pública nacional. Mas, a miscelânea das várias tendências que se agruparam sob a legenda do PMDB, dificultou enormemente a caracterização oposicionista do Partido.

Sendo governo ao nível do Estado, o PMDB arrastou consigo a impopularidade do Governador Chagas Freitas. É certo que essa impopularidade deveu-se muito mais à falta de comunicação social - só usada nos últimos meses da campanha - do que à ausência de obras importantes realizadas principalmente no interior fluminense.

Por outro lado, o discurso do candidato Miro Teixeira não despertou a necessária credibilidade do corpo político. Em certos momentos, o candidato falou mais para o público interno, no esforço de consolidar a unidade partidária. Salvo algumas honrosas exceções, Miro

Teixeira não contaminou os eleitores com o seu entusiasmo pela nova postura que assumiu fascinado e convicto.

Os entraves com o Governador Chagas Freitas acabaram por eliminar qualquer chance de vitória. Não seria exagero nenhum afirmar que o distanciamento de Miro foi-lhe fatal. Enquanto Moreira Franco assumia por inteiro o Presidente João Figueiredo, o candidato do PMDB tergiversou sobre a sua evidente ligação com o Governador Chagas Freitas. Negar a evidência tem para o povo o sentido da perda de confiabilidade.

Enquanto o PMDB largava substância, o Governador Brizola seguia o curso de seu discurso confiante e descompromissado. Degrau em degrau foi chegando ao topo devagarinho. E foi se aproximando do poder perdido com novas vestes. Soube trocar de roupa na frente de todo mundo sem nenhum desgaste.

De roupa assim tão nova Brizola golpeava à esquerda e à direita, abrindo espaço para uma pregação de mudança na linha social-democracia europeia, com o acento moreno dos trópicos.

A sua habilidade foi tão grande que em nenhum momento ele explicitou os temas que tangenciava em cada pronunciamento. Não se sabe ao certo o que ele pretende fazer no exercício do governo. Há dificuldade, ao que parece, de tirar o programa que está na sua cabeça para o conhecimento dos governados. Pelo menos por enquanto.

Se é tortuosa a clarificação da sua retórica de campanha e do seu futuro programa de governo, não se pode dizer o mesmo do equilíbrio político que manteve durante toda a jornada eleitoral e nos primeiros momentos do após.

Em nenhum momento feriu frontalmente o Presidente da República, ao qual, pelo contrário, tem poupado de qualquer crítica

contundente. Do mesmo modo, manteve-se ausente de comportamento odioso no que concerne ao pós-64. Suas declarações públicas tem sido para conciliar a vivência democrática de hoje com o fanatismo de suas ações no período João Goulart. Não deseja frente de governadores. Deseja conversar com todos. E assim por diante.

Sabe Leonel Brizola que vai ter de negociar para bem governar. Primeiro, aqui no Estado, no âmbito da Assembléia Legislativa, na qual não deterá a maioria absoluta. Segundo, com o governo federal no equacionamento das finanças estaduais, hoje, em face de uma equivocada discriminação constitucional de rendas, dependente da boa vontade de Brasília. Terceiro, para ampliar os quadros não disponíveis por inteiro no seu PDT ainda minguado.

A negociação, sendo essencial nessa perspectiva, não autoriza excessos seja no discurso, seja na ação. E Brizola sabe como ninguém que da sua tomada de posição pode ficar a dever, ou não, a estabilidade democrática do país.

Pelo menos durante algum tempo não pode Leonel Brizola pretender assumir uma liderança nacional de grande porte. Os problemas do Estado do Rio são grandes. E uma mudança de governo com as características da sua, vai exigir concentração local. É preciso não esquecer que Brizola recebeu um voto de confiança e de esperança de um povo sofrido. Por isso mesmo, a presença nacional de Brizola e do PDT deve ser coadjuvada fortemente pelo Senador Roberto Saturnino, que certamente vai acumular com a sua contribuição ao sistema econômico-financeiro estadual de seu domínio profissional.

Como ficou bem evidente do resultado eleitoral, as esquerdas fluminenses foram abalroadas pela máquina pesada do brizolismo em ascensão. O telegrama assinado pelo ex-deputado Hércules Correa pode significar um sinal de aproximação. Mas, é fora de qualquer dúvida que as

esquerdas que acompanharam o PDT vão pensar muito antes de construir qualquer ponte não artesanal. Vai depender basicamente da rearticulação do PMDB fluminense o nível de contato a ser estabelecido com Brizola governador. Se o PMDB marchar numa linha mais ao centro é possível que a aproximação se faça. Caso contrário, o PDT poderá escalar nacionalmente para erguer uma alternativa de socialismo espanhol, que parece ser bastante do agrado do político Leonel Brizola, independente de qualquer aproximação.

Todas essas definições vão ocorrer com mais brevidade do que se pensa. Elas colocarão Leonel Brizola no centro dos acontecimentos, ao lado de figuras indispensáveis no atual quadro oposicionista da vida brasileira, como Tancredo Neves e Franco Montoro. Mas, para Brizola político seu ponto focal vai depender muito de Brizola governador.